



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA (PARFOR)**

MARIA DA LUZ ALVES DE ARAÚJO SANTOS

**PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES
DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

MARIA DA LUZ ALVES DE ARAÚJO SANTOS

**PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES
DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, através do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237p Santos, Maria da Luz Alves de Araujo.
Perspectivas de inclusão na educação infantil [manuscrito]
: contribuições da educação física / Maria da Luz Alves de
Araujo Santos. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em
Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD -
Campina Grande, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza
Melo, UEPB - Universidade Estadual da Paraíba."
1. Educação Física. 2. Educação infantil. 3. Estágio
docente. I. Título

21. ed. CDD 796

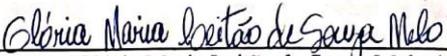
MARIA DA LUZ ALVES DE ARAÚJO SANTOS

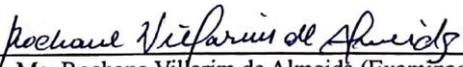
**PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES
DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

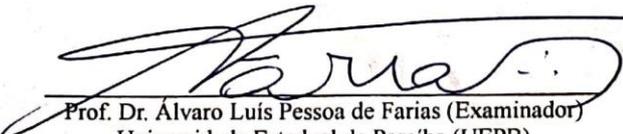
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, através do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Educação Física.

Aprovada em: 09/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Me. Rochane Villarim de Almeida (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Alvaro Luis Pessoa de Farias (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais Pedro Justino e Maria do Socorro, aos meus familiares e amigos, pois sempre me incentivaram a continuar, apesar das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus todo poderoso pelo dom da vida, por me dar forças e permissão que eu chegasse ao termino do curso com incentivo de ir mais adiante.

Aos meus pais Pedro Justino e Maria do Socorro ao qual tenho enorme gratidão pela vida, e por me apoiar nessa longa trajetória, dando forças e palavras de incentivos ao qual não me deixaram desanimar em momento algum.

Agradeço a minha família, aos meus amigos por todo apoio, saibam que cada palavra de incentivo contribuiu para que eu chegasse ate aqui.

Agradeço aos professores que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para um melhor aprendizado, em especial a minha professora Orientadora Glória, por ter dado toda assistência a esse trabalho (Artigo), por ter me dado todas as ferramentas que permitiram chegar ao final deste ciclo de maneira satisfatória.

Agradeço em especial a minha amiga e colega de trabalho Alê, a qual sou grata por toda contribuição neste trabalho.

A banca examinadora do presente trabalho, pela atenção em fazer as devidas correções e incentivo de melhorar a cada dia.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para elaboração deste trabalho.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs
a caminhar.

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA NECESSÁRIA.....	13
3 O MOVIMENTO DO LÚDICO: O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
4 PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO: A EDUCAÇÃO FÍSICA ENQUANTO CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DEFICIENTES.....	16
5 METODOLOGIA.....	18
6 RESULTADOS E DISCURSÕES.....	20
7 CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS.....	24

RESUMO

PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA

SANTOS, Maria da Luz Alves de Araújo*

RESUMO

A proposta de inclusão nas escolas regulares tem papel fundamental no desenvolvimento das relações interpessoais das crianças. A solidificação deste processo na Educação Infantil tem possibilitado que os sujeitos, já nos seus primeiros anos, reconheçam o outro e a si não por suas diferenças, mas como semelhantes em sociedade. Nesse sentido, este estudo tem como intuito apresentar a Educação Física enquanto disciplina facilitadora do processo de interação entre as crianças, cujo desenvolvimento das atividades trabalha tanto com as habilidades motoras quanto com o amadurecimento das competências socioemocionais. Assim, buscamos respaldo em estudos realizados por Drago (2014), Silva (2014), Gomes (2013) Gorgatti (2005), dentre outros, para reconhecermos o espaço do educador físico no ensino e aprendizagem de crianças deficientes e, desta forma, verificar possíveis ações educativas que possam facilitar as atividades físicas na Educação Infantil. A pesquisa, portanto, de natureza qualitativa, corresponde a um estudo de caso realizado com base na experiência obtida através do Estágio Supervisionado III, efetivado em uma turma de Educação Infantil com alunos entre três e quatro anos.

Palavras-chave: Inclusão. Educação Infantil. Educação Física. Estágio Docente.

OUTLOOK FOR CHILD EDUCATION: CONTRIBUTIONS OF PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The inclusion proposal in regular schools plays a fundamental role in the development of children's interpersonal relationships. The solidification of this process in early childhood education has enabled subjects, in their early years, to recognize each other and themselves not because of their differences, but as similar in society. In this sense, this study aims to present Physical Education as a facilitating discipline of the process of interaction between children, whose development of activities works with both motor skills and the maturation of socio-emotional skills. Thus, we seek support in studies conducted by Drago (2014), Silva (2014), Gomes

* Graduada em Educação Física pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. E-mail:

(2013) Gorgatti (2005), among others, to recognize the space of the physical educator in the teaching and learning of disabled children and, thus, verify possible educational actions that may facilitate physical activities in early childhood education. The research, therefore, qualitative in nature, corresponds to a case study based on the experience gained through Supervised Internship III, carried out in a kindergarten class with students between three and four years.

Keywords: Inclusion. Child education. PE. Teaching Internship

1. INTRODUÇÃO

A integração da criança a escola apresenta-se como uma das primeiras experiências sociais do sujeito fora do seu ambiente familiar. De acordo com Drago (2014), é nela que a criança aprende propriamente a interagir em um ciclo social organizado, no qual ela deverá seguir determinadas regras, bem como poderá expressar e/ou reconhecer seus direitos.

No momento em que a escola trabalha com inclusão as relações interpessoais entre as crianças apresentam construções significativas de respeito e aceitação. Logo, quando as diferenças entre elas são perceptíveis aos seus olhos, percebemos que o processo de socialização não sofre instabilidade ou é desorganizado. Pelo contrário, as crianças demonstram curiosidade ou até mesmo encanto com as novas descobertas.

Nesse sentido, compreendemos que quando enxergamos as diferenças, sejam elas físicas, culturais, econômicas ou sociais, com os olhos do respeito e da empatia estamos contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Se ensinarmos desde cedo que esses são valores essenciais para o convívio social, teremos cidadãos que crescerão mais compassivos e menos intolerantes ao ver a diversidade de si e do outro. Drago (2014) explica que:

Quando o indivíduo se sente bem aceito em seu meio social, acaba por interagir e formar sua identidade no grupo que o cerca, assumindo, de certa forma, as características próprias daquele grupo naquele espaço. A criança deficiente, por sua vez, não foge à regra, precisa ser vista como uma pessoa capaz de assumir e viver seu papel de ator social em um contexto marcado pela diversidade e diferença, pois possui capacidades que podem e devem ser desenvolvidas, para que possa se assumir como ser histórico e social integrado a sociedade (DRAGO, 2014, p. 129).

Nesse sentido, o presente estudo percorre as possibilidades pelas quais as crianças sejam vistas enquanto sujeitos sociais, e não pelas diferenças que possuem. Logo, norteamos este trabalho na perspectiva de explorar o espaço da primeira fase da educação básica, enquanto base para uma construção sólida de valores éticos e morais que a criança poderá solidificar já nos seus primeiros anos.

Para isso, nos direcionamos, especificamente, a inclusão de criança deficientes no ensino da Educação Física, de modo a apresentar como a disciplina

pode atrelar o desenvolvimento das atividades motoras com o amadurecimento das competências sócio emocionais.

Tendo em vista que a Educação Física é uma das disciplinas com conteúdos mais lúdicos, buscamos utilizar do movimento para demonstrar como as limitações acarretadas pela deficiência não interferem na construção do processo de ensino aprendizagem. De outro modo, a flexibilidade de adaptação das atividades físicas favorece progressivamente na inclusão de toda a turma.

Diante dessas particularidades, este trabalho tem como perspectiva relatar o projeto de intervenção realizado no Estágio supervisionado III, proporcionado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, no curso de Educação Física, Campus I.

1.1 OBJETIVOS:

Objetivo Geral

- Apresentar a Educação Física enquanto espaço facilitador no processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças com deficiência na Educação Infantil.

Objetivos Específicos

- Relatar a experiência do Estágio Supervisionado III em Educação Física na Educação Infantil;
- Analisar as diferentes possibilidades de adaptação propostas pela Educação Física para o desenvolvimento motor e cognitivo de crianças com e sem deficiência;
- Verificar possíveis ações educativas que possam facilitar as atividades físicas na Educação Infantil.

2. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA NECESSÁRIA

Entendemos por Estágio Supervisionado o período pelo qual o graduando de licenciatura terá que participar direta ou indiretamente das aulas das escolas de Ensino Básico. Segundo o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), da Universidade Estadual da Paraíba, cada discente deve, obrigatoriamente, complementar o seu histórico curricular com a realização do Estágio em três etapas: nelas, a atividade docente é observada e, posteriormente, praticada pelos formandos.

Enquanto experiência, este processo possibilita que a teoria vista na Universidade seja aplicada na prática para proporcionar o processo construtivo de aprendizagem dos alunos. Logo, o estágio em questão corresponde à realidade pela qual os formandos estarão inteiramente ligados com o seu futuro profissional, ou seja, a docência.

Para tanto, muitos dos graduandos que chegam ao cumprimento deste componente ora se identificam, ora se assustam com a realidade da Escola Campo¹, alguns deles desistem do curso ao se depararem com uma face distinta da qual estavam acostumados (ou acomodados) na Universidade. Segundo Pimenta e Lima (2005/2006), choques como esses acontecem uma vez que as disciplinas estudadas na formação se distanciam integralmente do campo de atuação dos professores.

Além disso, na maioria das vezes, o estágio só acontece na metade ou nos últimos períodos do curso, o que dificulta o contato completo com o contexto da escola, esta, que por sua vez, carrega a pluralidade cultural, histórica, política e social do seu público. Desta forma, a presença deste componente durante toda a formação acadêmica é essencial tanto na identificação da relação graduando e profissão, quanto para o desenvolvimento de novas ações que possam fortalecer o processo de ensino e aprendizagem nas escolas, bem como na inovação e/ou implementação de novos projetos e conteúdos pedagógicos nas disciplinas estudadas na licenciatura.

Desse modo, é preciso que o estagiário encare a escola não somente pelo ambiente, mas pela construção de significados que ela transparece e, assim, realizar um trabalho que englobe a diversidade de cada sujeito que a compõe. Particularidade definidas por Pimenta e Lima (2005/2006, p. 12) como “ações pedagógicas”:

¹ Escola na qual o estágio é realizado.

[...] atividades que os professores realizam no coletivo escolar, supondo o desenvolvimento de certas atividades materiais, orientadas e estruturadas. Tais atividades têm por finalidade a efetivação do ensino e da aprendizagem por parte dos professores e alunos. Esse processo de ensino e aprendizagem é composto de conteúdos educativos, habilidades e posturas científicas, sociais, afetivas, humanas, enfim, utilizando-se de certas mediações pedagógicas específicas.

Isto posto, quando falamos da efetivação do estágio, nos direcionamos aos diferentes processos pelos quais o graduando deverá buscar organizar, planejar e avaliar sua aula, competências, portanto, que deverão ser construídas de acordo com a experiência vivida no contexto escolar real.

Para Nóvoa (2002, p. 25), a licenciatura deve dar mais espaço ao trabalho escolar, se atentar sobre “a definição dos espaços e dos tempos letivos, agrupamentos dos alunos e das disciplinas, modalidades de ligação à “vida ativa”, gestão dos ciclos de aprendizagem, etc”. Ou seja, devemos amenizar a idealização por uma nova escola e começar a enxergar e refletir aquilo que a constitui, principalmente, os problemas que a cercam e, assim, as possíveis possibilidades que podem solucioná-los.

Em Educação Física, o estágio nos permite ter acesso a técnicas que proporcionam a aptidão corporal dos alunos, diante de metas que devem ser traçadas para que eles possam alcançar o “máximo rendimento da sua capacidade física”. Contudo, nosso reflexo maior se direciona ao processo pelo qual cada um atinge seu ritmo – etapa, portanto, que deve ser avaliada individualmente (COLETIVO DOS AUTORES, 1992, p. 24).

Quando direcionamos este processo à Educação Infantil, nos conectamos a uma metodologia mais ampla, na qual, corpo e mente devem estar inteiramente conectados. O ambiente desta fase escolar é sobretudo especial, tendo em vista que, como argumenta Matucheski (2011), não devemos apenas nos atentar ao ensino, mas também ao cuidado. Sendo assim, construir aulas que serão dirigidas tanto para promover o desenvolvimento motor e cognitivo, quanto o social e emocional.

3. O MOVIMENTO DO LÚDICO: O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ato de brincar além de proporcionar prazer, favorece diferentes possibilidades para o desenvolvimento do corpo e da imaginação da criança. Quando ela brinca, espontaneamente, testa suas capacidades físicas e mentais, experimenta sentimentos e emoções, aprende a expressá-los e, ainda, constrói novos saberes.

Na Educação Infantil, quando falamos desta relação brincar/aprender nos apropriamos do termo denominado lúdico, cujo qual, etimologicamente, provém do latim *ludus* que significa “jogo”². De acordo com os estudos de Silva (2014), a atividade lúdica está voltada ao uso de métodos, conteúdos e técnicas que possam encantar tanto o aprendiz, quanto o ensino. A autora explica que:

[...] Na Educação Infantil, o lúdico pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, melhorando a prática pedagógica dos professores e o aprendizado das crianças, sendo essencial compreender as diferentes formas de brincar e utilizá-las de forma propícia para cada criança no momento mais adequado (SILVA, 2014, p. 19).

Por conseguinte, compreendemos que o lúdico pode ser um grande instrumento didático tanto para o pedagogo como para o educador físico. Para Freire (2011), o papel da Educação Física no desenvolvimento infantil está inteiramente ligado ao processo pelo qual as habilidades motoras estão devidamente estruturadas com os elementos cognitivos, afetivos e sociais da criança.

De modo semelhante, o artigo 29 da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), regulamenta que a educação infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social [...]”. Logo, utilizar do brincar para construir um aprendizado é proporcionar movimento não só ao corpo, mas também à mente (BRASIL, 2017, p.22).

Tais características se encaixam na psicomotricidade, abordagem, definida por Darido (2003, p. 14), pela qual a Educação Física foca no pleno desenvolvimento da criança. De acordo com a autora, essa concepção, enquanto

² Online Etymology Dictionary. Disponível em: <<https://www.etymonline.com/word/ludicrous>> Acesso em: 24 de Agosto de 2019.

modelo pedagógico, possibilita que o educador físico se distancie da “execução de gestos técnicos isolados” e valorize o processo de ensino e aprendizagem. Le Bouch (1986, p. 25), autor mais influente desta abordagem no Brasil, aponta que:

A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares e escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permite prevenir inadaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas (Le Bouch *apud* DARIDO, 2003, p. 14).

À vista disso, entendemos que a contribuição da Educação Física para a Educação Infantil é de extrema relevância no aprendizado significativo de cada criança, como coloca Tazinazzo (2012), “a disciplina também é um caminho de prática pedagógica”. O autor também explica como o lúdico é essencial para o progresso das aulas infantis:

Nas aulas de Educação Física o lúdico proporciona a evolução do aluno, além do desenvolvimento do cognitivo, motor, físico, afetivo, aquisição dos valores humanos em sua formação, caminho didático, sendo utilizado para se alcançar êxito no ambiente escolar (TAZINAZZO, 2012, p. 23).

Dessa forma, a ludicidade presente nos exercícios, jogos e brincadeiras da Educação Física quebra com o comodismo das aulas expositivas e permite que os pequenos descubram valores de forma espontânea, além de estimulá-los no processo de interação e identificação social.

4. PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO: A EDUCAÇÃO FÍSICA ENQUANTO CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) para que a escola seja inclusiva ela deve ser capaz de promover uma pedagogia que eduque e respeite a todas as crianças, diante das suas diversidades e necessidades especiais, oferecendo “respostas adequadas às suas características

e solicitando apoio de instituições e especialistas quando isso se fizer necessário” (BRASIL, 1998, p. 36).

Nessas perspectivas também estão incluídas as crianças com deficiências, sejam elas de “função psicológica, fisiológica ou anatômica” (BRASIL, 2004, p.1). Sendo assim, trabalhar com a inclusão de crianças deficientes na escola regular é proporcionar ações educativas que possam incluí-las no ensino e na aprendizagem em conjunto com os demais alunos, mesmo que elas precisem de algum tipo de auxílio extra. Logo, a criança com deficiência não deve ser isolada do desenvolvimento didático feito com as outras crianças, mas deve ser inserida como um/a aluno (a) capaz, como qualquer outro (a), de construir conhecimento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (capítulo 58, terceiro parágrafo) regulamenta que a oferta de educação especial deve obrigatoriamente iniciar na Educação Infantil. Observamos, pois, que quando essa inserção acontece na primeira fase o processo de inclusão tem mais chance de se integrar continuamente nas demais fases da Educação Básica.

Na aula de Educação Física esse processo tem importância, especialmente, no desenvolvimento motor e cognitivo, dentre habilidades que as crianças com e sem deficiência tanto podem aprimorar, como despertar. Segundo os estudos de Lehnhard e Antunes (2012) a Educação Física é uma das disciplinas que tem mais inclinação no processo de interação com os alunos, além de, quando necessário, ter mais facilidade para realizar adaptações para que a participação de toda turma seja possível. As autoras ainda destacam como a disciplina auxilia no desenvolvimento do aprendizado extraescolar, como a formação de valores éticos e morais:

As aulas de Educação Física onde o processo de inclusão está inserido propiciam aprendizados importantes [...]. Os alunos com deficiência adquirem experiências através da diversidade de capacidades humanas, tornam-se mais independentes quando adultos a partir do entendimento de que possuem algumas diferenças, mas que isso não os faz inferiores e, por consequência, passam a ser mais conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade [...]. Os alunos sem deficiência aprendem a contemplar a diversidade, amadurecem mais rápido e tornam-se adultos com atitudes coerentes, reconhecedores dos direitos de todos [...] (LEHNHARD; ANTUNES, 2012, p. 14).

Dessa forma, o educador físico pode romper com as barreiras cômodas e excludentes da sociedade e oferecer diferentes possibilidades para que os alunos

possam se adequar as atividades igualmente entre si. Mas para isso é preciso que o professor também tenha conhecimento das limitações das crianças com e sem deficiência e que ele possa se atentar como irá incluir este último grupo de modo que as crianças nele presente possam reconhecer tanto suas capacidades, quanto suas limitações e, assim, conscientizar, da mesma maneira, toda a turma.

Para Gomes (2013), as patologias mais recorrentes encontradas no ensino regular são as de caráter auditivo, visual e mental. Para atuar na construção de ensino e aprendizagem a autora enfatiza que o/a educador/a físico/a deverá adaptar as atividades de acordo com as características de cada uma das deficiências.

Na primeira, o/a professor/a deverá intervir com “a comunicação através de expressões corporais, gestos, mímicas, se não houver conhecimento de LIBRAS”. Na segunda, ele/a deverá “adequar os recursos pedagógicos de modo que a criança cega ou com pouca visão os compreenda, disponibilizando todos os materiais e equipamentos específicos de que ela necessite”. E na terceira, será necessário que ele/a utilize de um “ensino fragmentado em pequenas etapas, que seja mais repetitivo, interativo, ao mesmo tempo que haja a associação entre linguagem e ação” (GOMES, 2013, p. 7).

É importante ressaltar como a preparação dos professores para o aprimoramento dessas competências é essencial para que o processo de ensino/aprendizagem obtenha resultados positivos. Muitas dificuldades poderão surgir ao longo das aulas, mas se os educadores físicos estiverem aptos, enfrentá-las será mais fácil e, logo, as crianças poderão absorver as atividades da melhor forma.

Logo, a Educação Física pode ser, como coloca Gorgatti (2005), quando sob investimento e capacitação, um dos espaços mais favoráveis para a aplicação da educação inclusiva. Além de promover ações educativas que possam ser ampliadas na didática de toda a escola.

5. METODOLOGIA

A presente pesquisa partiu da observação sobre as ações educativas desenvolvidas na Educação Física de crianças deficientes na primeira fase da Educação Básica e, posteriormente, da realização do Estágio Supervisionado III. A

trajetória metodológica foi traçada entre cinco intervenções, das quais a efetivação prática foi realizada em uma das três turmas observadas.

Nessa perspectiva, foi possível estipular metas para o desenvolvimento de atividades lúdicas adaptáveis que puderam tanto se efetivar nas aulas de Educação Física, quanto na Educação Infantil.

5.1 O TIPO DA PESQUISA

A pesquisa, de natureza qualitativa, corresponde a um estudo de caso realizado com base na experiência obtida através do Estágio Supervisionado III de Educação Física nas aulas de Educação Infantil.

5.2 O LÓCUS DA PESQUISA

O estudo provém do estágio realizado em uma turma de Educação Infantil, na Escola Municipal do Ensino Infantil Professora Maria Eugênia, localizada na cidade de Dona Inês – PB.

5.3 OS SUJEITOS ENVOLVIDOS

O estágio foi efetivado em uma turma de Educação Infantil com alunos entre três e quatro anos. Na sala, além dos alunos e da professora, estavam presentes uma monitora e uma cuidadora.

5.4 O PERCURSO METODOLÓGICO

No período de estágio, vivenciado de 20 a 30 de agosto de 2019, nos apropriamos de três etapas: observar; experimentar; atuar. A partir delas, conseguimos tanto ensinar, como aprender novas formas de atividades. A adaptação do aluno com deficiência, bem como da turma de forma integral, foi um processo construtivo e prazeroso. A cada aula ministrada, pudemos ter acesso ao conhecimento de cada pequeno em relação ao movimento, o brincar e o respeito para com outro.

O processo de aprendizagem, especialmente com a criança com deficiência, teve resultados mútuos, tanto para ela, quanto para nós, professores pesquisadores. Conseguimos adequar as atividades de acordo com as suas necessidades e, posteriormente, fomos capazes de reconhecer como seus movimentos e raciocínio se atrelavam a segurança que tanto os demais alunos, quanto nós (estagiária, professora, cuidadora e monitora) transmitíamos para ela. Logo, uma experiência de aprendizado produtiva, pela qual foi possível perceber como a realidade da sala de aula é importante para a conscientização do campo de trabalho, da execução das tarefas e do convívio com cada educando presente.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de iniciar o estágio foi elaborado um planejamento para melhor organização do sequenciamento das aulas, baseado em um currículo pós-crítico, no qual, segundo Silva (2010), o professor tem o papel de mediador e a identidade de cada aluno tem importância significativa no processo de ensino/aprendizagem. Nessa concepção, o desenvolvimento das aulas se solidificou sobre a realidade social dos alunos e explorou as formas de respeito e tolerância entre as diferenças de cada um presente.

Na observação da turma, composta por 21 alunos, foi possível perceber como cada um pertencia a um contexto diferente, de categoria de classes a traços sócioemocionais e habilidades físicas. Dentre eles, havia um aluno com deficiência, de quatro anos de idade, que possui microcefalia, doença que nele causou a perda dos movimentos das pernas, do braço esquerdo, e dificuldade na fala e aprendizagem.

Tendo em vista tais particularidades, as atividades foram adequadas para que o aluno com microcefalia pudesse participar das aulas sem necessitar tanto do auxílio da cuidadora. Dessa forma, trabalhamos, principalmente, jogos e brincadeiras pelas quais os alunos puderam realizá-las engatinhando, de joelhos ou sentados.

No início de cada aula, nos reunimos em um círculo para realizarmos um alongamento, no objetivo de que as crianças pudessem ativar os músculos e receber as atividades de forma mais prazerosa. Nesta etapa, o aluno com deficiência precisou da ajuda da cuidadora para realizar os movimentos.

Na primeira intervenção foi realizada uma competição com o jogo “bola na caixa”. A turma foi dividida em duas equipes para o arremesso das bolas (uma equipe para cada caixa), mas para realizá-lo os alunos deveriam estar sentados a uma certa distância da caixa. Essa atividade foi pensada para trabalhar a noção de espaço, espera (pois foi realizado um arremesso de cada vez), e numerais (ao final da competição contamos as bolas presente em cada caixa). Ela foi adaptada para que o aluno deficiente pudesse jogá-la sem a ajuda da cuidadora, uma vez que ele conseguiu se sentar sozinho e arremessar a bola com o braço direito.

Na segunda intervenção, desempenhamos o mesmo jogo, mas dessa vez os alunos levaram as bolas à caixa engatinhando. Logo, o pequeno com microcefalia conseguiu concluir a atividade e, posteriormente, refizemos a contagem das bolas em cada caixa. Nessa etapa, conseguimos trabalhar a noção de agilidade de cada um.

Chegada a terceira intervenção juntamos duas crianças sentadas, uma em frente a outra, com as pernas esticadas para que elas pudessem tocar os pés do colega a sua frente e formar um espaço fechado entre elas. Distribui uma bola para cada dupla e pedi para que eles/elas não deixassem a bola escapar. À medida que eles/elas movimentavam a bola fui acrescentando outras. Nesse momento, a cuidadora auxiliou o pequeno a permanecer com as pernas esticadas com o outro colega. Noção de percepção visual foi o destaque desta etapa.

Todas as intervenções citadas a cima foram realizadas no pátio da escola. Mas na quarta e quinta intervenção saímos do espaço escolar e nos direcionamos à uma praça esportiva, chamada Espaço da Juventude, de localização próximo a escola. Objetivamos nesses dois últimos momentos levar as crianças ao um novo ambiente, para construirmos conhecimentos acerca dos espaços extraescolares.

Assim, na quarta intervenção, foi feito um circuito com cones, arcos e cordas. Dividimos a turma novamente em dois grupos, mas dessa vez fizemos as atividades em conjunto, em uma fila, para direcionarmos a sequência de cada etapa da atividade. Com o auxílio da cuidadora, mantendo por vezes em pé, outras vezes deixando seguir engatinhando, o aluno com microcefalia conseguiu concretizar todas as fases. Aqui, exploramos competências físicas como a lateralidade, o movimento do corpo, noção de espaço e equilíbrio.

Chegada a quinta e última intervenção, deixamos as crianças mais livres para criarem suas próprias atividades. Iniciamos com cantigas de rodas que tanto

podemos trabalhar o movimento, quanto a oralidade. Em seguida, permitimos que elas brincassem entre si com as bolas, arcos e cordas levadas para a praça. O pequeno com microcefalia pode brincar com seus colegas principalmente de futebol, jogo favorito dele.

Desse modo, finalizamos o estágio com a proposta de acessibilidade efetivada. A contribuição deste momento foi de extrema importância no processo de inclusão do pequeno com microcefalia. Além disso, percebemos como as atividades foram prazerosas tanto para ele, como para as demais crianças. A turma conseguiu alcançar todos os objetivos propostos e eu, enquanto educadora, consegui enxergar muito além da minha formação profissional. A partir desse estágio vi pelos olhos das crianças a importância do estar com o outro e de aceitá-lo da forma como ele é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o contato com o diferente tem se intensificado com mais facilidade. Hoje em dia, conseguimos perceber como as opiniões intolerantes e destrutivas que antes prevaleciam têm (mesmo que gradativamente) perdido espaço na sociedade. Somos uma população plural de culturas, pensamentos e significados distintos. Sendo assim, à medida que enxergamos a diferença do outro estamos, ao mesmo tempo, afirmando a nossa própria.

Aprender a conviver com ela é estabelecer com primazia os valores éticos e morais, como o respeito, a empatia e a alteridade. A própria máxima diz que o ser humano não nasce preconceituoso, ele aprende a ser, logo, se o sujeito social cresce em um ambiente saudável, no qual possa estabelecer vínculos afetivos com outras pessoas sem se atentar ao diferente como algo “incomum”, ele não irá criar aversão ou qualquer tipo de discriminação em relação a tal.

Nesse contexto, a escola tem papel fundamental para explorar essa realidade, pois, como vimos, ela corresponde a um ambiente cujo público é diverso. É nela que, provavelmente, a criança terá o primeiro contato com um número mais amplo de sujeitos diferentes, sejam eles outras crianças (alunos) ou adultos (professores, monitores, diretores, zeladores, cozinheiros, entre outros).

Dessa forma, a Escola Inclusiva é capaz de construir sujeitos mais compassivos, que possam atuar diretamente na luta por direitos mesmo que eles não pertençam ao grupo de pessoas que sejam desprestigiadas por suas diferenças.

Sendo assim, a partir desse estudo, conseguimos inferir que trabalhar o respeito as diferenças na sala de aula é uma particularidade tão importante quanto as próprias disciplinas curriculares.

Logo, tentamos apresentar como a Educação Física na Educação Infantil pode ser um dos principais espaços para que esses princípios sejam trabalhados, de modo que possamos vincular as atividades motoras ao aprimoramento das competências socioemocionais das crianças.

Nas aulas, o processo de adequação explorado apresentou resultados positivos. A criança com microcefalia conseguiu se adaptar aos exercícios proposto e as demais crianças acompanharam a metodologia de forma similar. Contudo, o desempenho de cada uma delas foi observado de forma diferente para que pudéssemos enxergar suas habilidades e limitações de modo individual.

Dessa forma, ressaltamos como efetivamos o estágio em conjunto com a turma. A partir dele expressamos dois sentimentos: um de dever cumprido; outro de continuação. Entendemos nesse estudo que o estágio pode proporcionar o espaço real da licenciatura, no qual muitas dificuldades podem ser encontradas, principalmente quando trabalhamos com inclusão, mas percebemos como estas podem ser enfrentadas e superadas se construirmos um planejamento bem organizado e uma atuação consciente e respeitosa.

Inferimos, assim, que trabalhar com educação é uma forma de crescimento mútuo, no qual professor e aluno estão inteiramente ligados em um processo não só de conteúdos disciplinares, mas também de afetos e emoções.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões Reflexivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DRAGO, Rogério. **Inclusão na educação infantil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

COLETIVO DOS AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 2011.

GOMES, Thamyres de Sousa. **Educação física como forma de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais**. UNICEUB, 2013.

GORGATTI, Márcia Greguol. **Educação física escolar e inclusão: uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores**. USP, 2005.

LEHNHARD, Greice Rosso; ANTUNES, Maria Rubia. **Aluno com deficiência física nas aulas de educação física: discussões sobre a inclusão escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFSM, 2012.

MATUCHESKI, Franciele Luci. **Relato de experiência de estágio de educação física no contexto da educação infantil**. Curitiba: PUCPR, 2011.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Goiás: Revista Poíesis -Volume 3, 2005/2006.

SILVA, Natália Zanatta da. **A importância do lúdico na educação infantil**. Monografia de especialização. UTFPR, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo**. 3ª Edição. Editora Autêntica. 2010.